

SUBJETIVIDADES JUVENIS: CONECTANDO CURRÍCULO ESCOLAR E CIBERCULTURA

ESPÍRITO SANTO¹, Shirlei Rezende Sales do – UFMG – shirlei.sales@terra.com.br

PARAÍSO², Marlucy Alves – UFMG – marlucy.paraíso@terra.com.br

GT: Currículo / n.12

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Uma heterogênea e vasta gama de práticas discursivas têm sido endereçadas à juventude na contemporaneidade. Dentre essas práticas, merecem destaque aquelas produzidas no ciberespaço, local em que muitas/os jovens fazem conexões, estabelecem relações e produzem um “novo estado da cultura”: a cibercultura³. A cibercultura instaura outras formas de relação social em que as comunidades virtuais são a grande novidade. No universo de comunidades virtuais, na contemporaneidade, o site de relacionamentos Orkut se destaca porque é hoje o endereço eletrônico mais acessado no Brasil⁴ e o segundo colocado entre os meios de comunicação mais utilizados pelas/os jovens do país, só perdendo para o MSN⁵. Os números do Orkut são impressionantes: possui mais de 50 milhões de usuárias/os, sendo que, aproximadamente, 70% são jovens e 56% denominam-se brasileiras/os⁶.

O presente pôster apresenta um panorama da pesquisa de doutorado, em andamento, que tem por objetivo analisar o *processo de produção de subjetividades juvenis nos discursos produzidos em duas tecnologias culturais que se atravessam mutuamente: o currículo escolar e o Orkut*. Currículo escolar e Orkut são aqui compreendidos como *tecnologias culturais*, no sentido desenvolvido por Simon (2003), de “conjuntos de arranjos e práticas institucionais intencionais no interior dos quais várias formas de imagens, som, texto e fala são construídas e apresentadas e com as quais, ademais, interagimos” (p.71).

A investigação utiliza a perspectiva analítica dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-crítica, e ferramentas conceituais retiradas dos trabalhos de Michel Foucault. O foco está no cruzamento dos discursos do Orkut e do currículo escolar, os procedimentos que se interligam, as práticas que se interconectam, a fim de apreender

¹ Doutoranda da FaE/UFMG e Membro do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas da FaE/UFMG).

² Professora da FaE/UFMG, Coordenadora do GECC e orientadora da pesquisa que subsidia este trabalho.

³ Segundo Lévy (1999), cibercultura especifica “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p.17).

⁴ Cf. Mendonça (2006).

⁵ Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=12781>> [08 Jan. 2007].

⁶ Conforme informações constantes no site: www.orkut.com [10 Abr. 2007].

as técnicas e os mecanismos acionados nos discursos, em meio ao processo de produção de subjetividades juvenis. Estas são analisadas com base no entendimento de que a subjetividade é uma construção discursiva, produzida por meio de diferentes técnicas, procedimentos, exercícios e práticas⁷. Nos mais diversificados discursos, por meio de várias técnicas, tecnologias e estratégias, são produzidas subjetividades de determinados tipos.

As comunidades do Orkut

O Orkut proporciona “um ponto de encontro online”, conforme explicita em sua página⁸. Esse encontro pode acontecer nas comunidades, as quais tratam de uma ampla diversidade de temáticas. A participação em uma comunidade pode ser mais ativa (o que inclui debater ou até mesmo criar os *tópicos*⁹ propostos nos *fóruns*¹⁰ e também divulgar eventos relacionados à respectiva temática) ou pode consistir em apenas adicionar a comunidade ao seu perfil, como é feito na maior parte dos casos. De um modo ou de outro, adicionar uma comunidade significa deixar públicas as idéias com as quais a/o usuária/o se identifica. É um procedimento para levar a pessoa a pensar sobre si, sobre quem ela é, sobre aquilo que ama ou odeia, sobre o que faz ou não, sobre como se comportar em determinadas situações. Participar de uma comunidade funciona como uma “técnica de si”¹¹, no sentido foucaultiano, para levar a/o usuária/o a pensar sobre si e a escrever sobre si, proporcionando uma ampla visibilidade das/os jovens, as/os quais ficam permanentemente expostos a múltiplos olhares, à vigilância constante e à conseqüente disciplinarização de suas condutas¹².

Assim, na pesquisa já estão sendo analisadas algumas comunidades do Orkut que tratam da escola, em que são produzidos diferentes modos de ser jovem, com marcas de gênero e sexualidade.

O Orkut e a escola

Para a análise das comunidades que tratam da escola, foram pesquisadas aquelas com maior número de participantes, localizadas pelo Orkut, por meio das palavras-chave: “odeio estudar” e “amo estudar”. A primeira comunidade encontrada é “Eu odeio

⁷ Cf. Rose, 2001.

⁸ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>

⁹ Tópicos são temas a serem debatidos nos fóruns das comunidades.

¹⁰ O fórum é a instância de debate de determinadas temáticas.

¹¹ As “técnicas de si” referem-se à relação que os indivíduos estabelecem consigo mesmos e são definidas como aquelas que “permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações sobre seus corpos, sobre suas almas, sobre seu próprio pensamento, sobre sua própria conduta, (Foucault, 1993, p. 207).

¹² Cf. Foucault, 2005a.

estudar”¹³. Esse ódio é narrado de diferentes modos no fórum da comunidade. Lá é possível ver a escola descrita como “muito ruim”, por meio de inúmeros palavrões e também por termos como:

perda de tempo; chata; nojenta; horrorosa; cansativa; lixo; a pior coisa; tédio; porcaria; irritante; sem graça; idiotice; revoltante; insuportável; tosca; estresse; ditadura capitalista; prisão; tortura; escravidão; quartel; inferno; um tremendo hospício.

A vigilância e a disciplina escolar não só são identificadas pelas/os jovens, como são contestadas, apesar de toda a sua força. Essa força é sentida quando é possível encontrar, mesmo na comunidade de quem odeia estudar, raras definições que contrariam o primeiro grupo, e descrevem a escola como uma instituição, de algum modo, importante:

Sabedoria para sempre; pra quem quer; um lugar agradável, de convivência entre irmãos; tudo de bom; escola é muito bom para desenvolver o raciocínio; ruim, mas importante; chata, mas melhora nosso futuro.

Isso mostra como o discurso do Orkut é heterogêneo, como se travam verdadeiros duelos nas comunidades, como as relações de poder são ali engendradas para conduzir as condutas juvenis. A enunciação de que a escola é *insuportável*, que o currículo escolar é *inútil* e de que as/os professoras/es são arbitrarias/os e injustas/os está multiplicada em várias formas pejorativas de expressar o *ódio* pela escola. Esse ódio demanda um tipo de conduta por parte das/os estudantes: a *bagunça*, a *zoação*, ou a transgressão por meio de várias práticas como *matar aula*; *jogar truço ou dormir na sala*; *explodir a escola* ou ainda *matar professoras/es e diretoras/es*. Nesse discurso é possível perceber a produção discursiva da/o jovem denominada/o **vagabunda/o** que até gosta da escola, mas odeia estudar. Não gosta do currículo e detesta as/os professoras/es. O sujeito vagabundo odeia também o sujeito **nerd**, aquele descrito como *anti-social*, *que não passa cola*, *que puxa saco de professor/a*, *que só pensa em tirar notas altas*, *não namora*, *é encalhado*, *não tem vida sexual*, *é gay*, *impopular* e *não vive a vida*. A/o jovem nerd é muito inteligente, sua conduta, no entanto, é apresentada como individualista, reservada, introspectiva. Ela/e se isola do convívio social para se atirar nos estudos e pesquisas.

Nesse mesmo discurso são produzidas outras subjetividades que podem entrar em disputa com as acima descritas. Entre esses dois pólos opostos (vagabundas/os versus nerds) é produzida uma espécie de “terceiro termo” (Cohen, 2000), a subjetividade CDF. Essa/e jovem estuda bastante e gosta disso, ou é apenas *inteligente* e mesmo sem se isolar do mundo (o que seria um/a nerd) tem excelente desempenho, tira

¹³ Disponível em < <http://www.orkut.com> > [28 Fev. 2007].

boas notas e *se garante*. Por isso, chega a ser invejada/o pelas/os colegas. Também é admirada/o por elas/es e pelas/os próprias/os professoras/es. A/o CDF é descrita/o como *consciente, crítica/o*, tem *cabeça boa*, e certamente terá um bom emprego e *se dará bem* na vida. Ela/e se conduz de modo a cumprir as exigências escolares, faz as atividades, comporta-se bem em sala e tem um bom relacionamento com as/os professoras/es.

Nerds, vagabundas/os, CDFs e outras juventudes narradas e exibidas na maquinaria do Orkut definem modos específicos de viver o universo juvenil-escolar. Modos que correspondem a respectivas formas de se conduzir e funcionam como mecanismo disciplinador da juventude conectada.

O Orkut e a sexualidade

Além da recriminação contundente aos comportamentos “desviantes” dos monstros-nerds, há ainda, nas disputas travadas nos fóruns, a utilização de jargões sexistas, os quais funcionam também como normatização das condutas sexuais da juventude. Assim, quando um/a jovem se comporta como um *nerd* ao, por exemplo, defender a escola ou professoras/es, é imediatamente taxado de *viado, bicha, gay, baitola, frango*. As garotas, por sua vez, são as *piranhas, putas, prostitutas, barangas*, ou ainda: *gordinhas, com problemas de socialização e com falta de um homem*.

Essas qualificações se remetem a padrões culturais sexistas, moralistas e conservadores. Padrões que transformam as diferenças sexuais em monstruosidades. O monstro agora é a/o homossexual e a prostituta. É importante observar que embora os insultos, dirigidos tanto às jovens como aos jovens que defendem a escola, se refiram ao campo da sexualidade, a homofobia é utilizada apenas contra os garotos. Sobre esse aspecto, os estudos sobre gênero e a teorização *queer* defendem a idéia de que embora a produção da masculinidade e da feminilidade seja articulada à produção da sexualidade, a construção do masculino está, de modo mais central, vinculada à heterossexualidade (cf. Louro, 1998). Isso é identificado no discurso analisado, em que a heteronormatividade¹⁴ incide mais intensivamente sobre os rapazes.

Em síntese, podemos dizer que as relações de poder engendradas no discurso do Orkut promovem disputas, resultando em heterogêneos “modos de existência” juvenil. O poder disciplinar divide a juventude conectada de modo a posicionar as/os jovens de forma distinta no tempo e espaço. A maquinaria do Orkut constrói as subjetividades

¹⁴ Segundo Britzman (1996), heteronormatividade consiste em “uma obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (p. 79).

juvenis, em meio a intrincadas relações de poder, as quais categorizam modos possíveis de se portar e demandam sujeitos dóceis.

Referências Bibliográficas

BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. 21 (1). Jan./jun. 1996. p. 71-96.

COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In.: SILVA, T. T. *Pedagogia dos Monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

FOUCAULT, M. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*. Lisboa. n.19, 1993. p. 203-223.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005a.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, G. L. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. *A escola cidadã no contexto da educação globalizada*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.33-47.

MENDONÇA, F. M. Os desbravadores nativos. *Carta na Escola*. Out. 2006. n. 10. p. 38-39.

ROSE, N. Inventando nossos eus. In.: SILVA, T. T. (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SIMON, R. I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 61-84.